

# Meninos de rua

(Brasília, 30 de julho de 1993)

*“Nós cometemos muitos erros e muitas faltas, mas nosso pior crime é abandonar as crianças, negligenciando a fonte de vida. Muitas das coisas de que necessitamos podem esperar. A criança não pode. A cada instante, seus ossos estão sendo formados; seu sangue está sendo produzido; seus sentidos, desenvolvidos. A ela não podemos responder: AMANHÃ. SEU NOME É HOJE”. (Gabriela Mistral, poetisa chilena)*

Em 1989, a convite da Comissão Científica do Congresso Internacional de Pediatria, realizado em Paris nesse ano, pronunciei uma conferencia sobre Meninos de Rua. E iniciei com esta frase: “Não deve haver meninos de rua”.

Para um auditório de cerca de 450 congressistas, afirmei textualmente: “minha primeira reflexão é procurar saber porque existem meninos de rua se todos os países subscreveram a Convenção dos Direitos da Criança”. E prossegui: “no seu processo de crescimento e desenvolvimento, as crianças necessitam de amor, nutrição suficiente, educação, um lar bem estruturado, escola que os prepare para a vida e lazer adequado à idade. As crianças não devem trabalhar nem permanecer abandonadas na rua. É necessário, portanto, procurar uma solução para as causas e não apenas administrar os efeitos.” Finalmente, dava a solução:

- a) Planejamento familiar, educando a população carente, evitando, assim, a proliferação da pobreza, porque, na realidade, as crianças de rua provêm de famílias pobres e numerosas, que não devem ter mais de um ou dois filhos, pois não têm recursos para sustentar uma prole numerosa;
- b) Decisão política dos governos federal, estadual e municipal proporcionando a todas as crianças escola em tempo integral, educando-as para a vida e mantendo-as sob vigilância e orientação durante todo o período de crescimento e desenvolvimento.

Ao regressar ao Brasil, após visitar, na França, o Ministério da Família, sugeri ao governo do DF a criação da Secretária da Família, da Criança e da Juventude (adolescência), da qual participariam médicos, assistentes sociais, educadores, nutricionistas e psicólogos.

Silêncio absoluto.

Infelizmente, os administradores de nosso País, mergulhados na desenfreada demagogia política, com o pensamento fixo unicamente na próxima eleição, preferem lançar obras faraônicas e eleitoreiras, desprezando as realmente prioritárias.

São milhares de crianças abandonadas, marcadas pelo estigma da fome e da ignorância, a um passo do crime e da prostituição.

A Nação está cansada de promessas vãs, de reuniões infundáveis, de diagnósticos inócuos, de planejadores inoperantes que só decidem intervir quando se instala o caos: não prevêm, não têm imaginação.

A sociedade reclama uma solução urgente e definitiva.

Ernesto Silva